MUSEU DO FUTEBOL

Centro de Referência do Futebol Brasileiro

Relato de Campo
CDC Vila Anhanguera

Data: 13/03/2012
Entrevistado (nome/função): Paulo Cesar Dutra, presidente do CDC Vila Anhanguera
Pesquisadora: Aira Bonfim
Redatora: Aira Bonfim
Revisores: Giancarlo Machado e Nahema N. Falleiros

Resumo

O Clube da Comunidade (CDC) Vila Anhanguera é um equipamento público vinculado à Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME). Administrado desde o final da década de 1970 por duas agremiações distintas - o "Brasília Futebol Clube" e a "Associação Recreativa Anhanguera" - tal espaço está voltado majoritariamente para a prática do futebol. Seu campo recebeu recentemente o gramado sintético, fato que intensificou ainda mais o uso do espaço por times de várzea. Ali são realizados campeonatos, festivais e aulas de futebol para as categorias de base da Zona Sul de São Paulo.

O CDC Vila Anhanguera fica na Rua Marcelino Zonta, 316, no bairro de Santo Amaro. É uma travessa da Avenida Nossa Senhora do Sabará, próxima à Avenida Interlagos. Muitos ônibus circulam por essas duas avenidas. Por conta disso o espaço é muitas vezes solicitado para a realização de eventos futebolísticos tanto de caráter público, como os organizados pela SEME (a exemplo dos Jogos da Cidade), como por agremiações interessadas em organizar campeonatos particulares (como o Grêmio Esportivo Black Power que, no ano de 2011, sediou a Copa Black Power do Ipiranga nesse local). A região é marcada por um intenso crescimento imobiliário, e, apesar da característica comercial das avenidas citadas, o interior do bairro é residencial repleto de casas e apartamentos novos.

A visita ao CDC Vila Anhanguera se deu em uma manhã de terça-feira, às 11 horas. Na ocasião, o campo de gramado sintético não estava sendo usado e os vestiários e a área social do local estavam sendo limpos. Esta foi a segunda visita dos pesquisadores do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) ao CDC em questão. A primeira aconteceu durante a final da Copa Black Power do Ipiranga, em fevereiro de 2012. O encerramento desse torneio contou com a presença de integrantes do "G. E. Black Power", torcidas dos times finalistas ("G. E. Fiminiano Pinto" e "Novo Oriente F. C.") e políticos da região.

Paulo Cesar Dutra, presidente do CDC Vila Anhanguera, está envolvido com a formação desse equipamento público desde o início da fundação da Associação Recreativa Anhanguera (um dos times gestores do espaço), em meados dos anos 1970. Engajado desde jovem com o universo do futebol

amador, hoje, aos 56 anos de idade, Paulo é uma figura importante na articulação de jogos, times e campeonatos da Zona Sul de São Paulo. É orientador de agremiações que necessitam de auxilio burocrático para oficializar a existência de seus times. Ele também conhece grande parte das equipes da região, assim como a administração de diferentes CDCs.

Os pesquisadores do CRFB foram apresentados ao presidente do CDC Vila Anhanguera durante a final da Copa Black Power do Ipiranga, no início de 2012. Indícios do uso desse campo já haviam sido encontrados através de pesquisas na Internet. Paulo, além de estar ligado a um equipamento público onde a prática do futebol é algo central, revelou-se uma figura interessante para a compreensão da organização dos times de várzea, do funcionamento dos campeonatos, festivais e locações de certos espaços, da relação da Copa Kaiser com as equipes de alto rendimento e, principalmente, do envolvimento de determinados políticos com a criação e com a manutenção dos CDCs, bem como de suas relações com o eleitorado.

Relato

"Não existe mais futebol de várzea, agora é futebol amador". Foram essas as palavras que marcaram o início da conversa com Paulo Cesar Dutra, 56 anos de idade, presidente do Clube da Comunidade (CDC) Vila Anhanguera, localizado na Zona Sul de São Paulo. Paulo é hoje um dos grandes articuladores dos times e dos espaços para a prática de futebol amador, não só dessa região, como de toda a cidade. Tal conquista fora adquirida graças aos seus contatos formados desde a juventude e ao seu interesse por esse esporte.

Gaúcho da região das Missões, Paulo nasceu na cidade de Santo Ângelo. Filho de militar, mudou-se muito cedo para a cidade de São Paulo. Graças à profissão do pai, morou em diferentes bairros e conheceu pontos extremos da Zona Leste e da Zona Sul. Praticante de futebol de salão, ao ver sua ascensão impossibilitada por problemas físicos, abandonou o esporte. Quando se casou ainda jovem, aos 19 anos de idade, transferiu-se para o bairro onde hoje se encontra o CDC Vila Anhanguera, no Jardim Juá.

No final da década de 1970, o CDC Vila Anhanguera nada parecia com o que se observa hoje. O terreno era um brejo frequentado por pacas que eventualmente eram confundidas com ratos. Durante esse período, o espaço do campo havia sido reivindicado por times locais e passou a ser gerido pelos mesmos. Dentre eles destacam-se o time do "Brasília Futebol Clube" e a "Associação Recreativa Anhanguera", fundada no dia 23 de fevereiro de 1978.

O time do "Brasília" já existia há dezoito anos, antes do "Anhanguera", com sede própria dentro da casa de um de seus antigos fundadores. Apesar dos dois times não terem afinidades, aceitaram administrar o espaço do equipamento público em conjunto. Nessa época, a SEME permitia que apenas duas entidades se responsabilizassem por cada campo. Atualmente, segundo Paulo, recomenda-se três entidades.

As melhorias realizadas no espaço contaram com a ajuda de diversas pessoas envolvidas com o futebol de várzea. Consideradas as condições econômicas de cada usuário, eram doados tijolos, terra, cimento, além de acessórios esportivos para o uso em campo. Paulo contou que os jogadores se trocavam muitas vezes atrás de uma mureta que eles mesmos construíram.

Antes de começar a partida, guardavam todos os seus pertences dentro dos carros estacionados do lado de fora do campo, na mesma rua. Não havia na época, nenhuma construção no terreno, algo muito diferente do que foi observado durante a visita das pesquisadoras do CRFB, já em 2012.

A aquisição e a transformação do terreno em campo de futebol, bem como a sua manutenção, mobilizaram a atenção de alguns políticos que estavam interessados em ampliar a quantidade de votos na região. Com efeito, suas intervenções tiveram como contrapartida a articulação com o eleitorado local.

Um exemplo de atuação política citada pelo entrevistado foi a de José Maria Marin[1], político paulista. Marin iniciou sua carreira política no Partido da Representação Popular (PRP), mais tarde passou a atuar pelo Partido da Frente Liberal (PFL) e, hoje, é filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Tal pessoa fez fama na política e no futebol em Santo Amaro, Zona Sul da capital, onde nasceu. Foi ali onde deu os seus primeiros passos como jogador e, depois, como vereador. Entre 1949 e 1954, atuou por mais tempo em clubes pequenos - como Associação Atlética São Bento de Marília e Jabaquara Atlético Clube - do que no São Paulo Futebol Clube. Pelo Tricolor disputou apenas dois jogos oficiais e marcou um gol. Como político, ganhou reconhecimento na região onde cresceu por estar envolvido em projetos relacionados ao futebol. Paulo contou a uma das pesquisadoras que no dia anterior à entrevista, José Maria Marin havia assumido a presidência da CBF e do Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo de 2014, ocupando os cargos que eram de Ricardo Teixeira, que renunciou após denúncias de envolvimento em irregularidades e por motivos de saúde.

Conforme evidenciado, a presença de políticos articulados com o esporte, além da atuação dos próprios moradores, é algo marcante na região de Santo Amaro. Em meados da década de 1980, por exemplo, os diretores dos dois times representantes do CDC conseguiram arrumar caminhões de terra provenientes de diversos locais da cidade para a realização da primeira

1 José Maria Marin foi eleito vereador em 1963 e reeleito posteriormente, quando se tornou presidente da Câmara Municipal, em 1969. Na década de 1970 foi deputado estadual durante dois mandatos. Foi também presidente da Federação Paulista de Futebol (1982-1988) e chefe da Delegação Brasileira na Copa do Mundo de 1986, no México.

iniciativa de nivelação do terreno. Outra ação conquistada foi a anulação da apropriação do terreno pela Polícia Militar. Era eminente a construção de um prédio para a atuação da polícia na região. A gestão de Walter Feldman (no período em que assumiu a SEME, em 2007) também foi lembrada como um marco na administração dos equipamentos públicos esportivos.

Paulo Cesar foi enfático durante toda a conversa ao dizer que muitos espaços oferecidos às agremiações de futebol foram tomados pela Prefeitura de São Paulo. Na visão do interlocutor, tal acontecimento se deve à má administração de seus gestores responsáveis. Segundo ele, a prefeitura cede o espaço e acompanha o desenvolvimento das atividades no terreno. A contrapartida precisa ser evidenciada através do cuidado com o local e da utilização do mesmo. Se isso não acontece, o terreno é tomado e transformado em algum outro equipamento público, já que existe uma demanda para construção de creches, escolas e hospitais em toda a cidade. Portanto, os terrenos desocupados estão sob a mira do governo em uma cidade tão populosa como São Paulo. Paulo deu o exemplo do time do Esporte Clube Corinthians de Sapopemba, que teve o seu terreno tomado e mais tarde transformado no Centro Educacional Unificado (CEU) Sapopemba.

Atualmente o CDC Vila Anhanguera é um espaço muito requisitado tanto para o aluguel do campo por times de várzea, quanto para sediar campeonatos de futebol e demais eventos públicos ou privados. Um bom exemplo de ocupação pública são os "Jogos da Cidade", evento promovido pela prefeitura. Segundo Paulo, permitir esse torneio no campo do CDC é uma contrapartida justa, uma vez que há uma negociação sobre as datas escolhidas pela SEME.

Há, de acordo com o entrevistado, uma considerável confusão entre as agremiações administradoras de CDCs. Cada uma se sente "dona" do local, e muitas vezes se esquece de que o terreno é público. Sem contar que, como espaço público, a manutenção depende tanto dos esforços da comunidade quanto da prefeitura. Para Paulo, o sucesso do CDC Vila Anhanguera deve-se a um projeto concebido a longo prazo, pensado por seus usuários e por seus administradores.

No espaço do CDC há um campo com gramado sintético e iluminação, lanchonete, área de churrasqueira, vestiários e banheiros, uma pequena arquibancada, salão de festas, quadra e playground. Outra característica do local se refere ao mencionado campo de gramado sintético. Conquistado

há quase um ano, a partir de tal benfeitoria o campo passou a atrair muitas equipes para a realização de jogos. O vereador Dalton Silvano (PV) foi o principal responsável pela implantação da grama. Paulo disse correr atrás de um eleitorado que será "cobrado" a comparecer às urnas nas próximas eleições municipais, no final do ano de 2012. Ele revelou que, diferentemente de políticos que atuam em regiões específicas da cidade de São Paulo, Dalton atua no universo do futebol amador. Dessa forma, ele está presente na cidade inteira. Segundo Paulo, o vereador da várzea não faz apenas promessas, pois tem conseguido transformar muitos campos, cumprindo uma agenda positiva em quase todos os eventos varzeanos que acontecem nos quatro cantos da cidade.

As atividades relativas à escolinha de futebol são realizadas no CDC de segunda à quinta-feira. Dois desses dias são ocupados pela categoria de base do São Paulo F. C., que loca o campo para as crianças. Já nos outros dois dias são contemplados os meninos da região. Para isso, é realizada uma triagem entre os interessados, que devem apresentar cerca de quatro documentos comprobatórios: um atestado de matrícula escolar, um atestado médico, comprovante de residência e a autorização de seus pais ou responsáveis. O custo dessas aulas, realizadas duas vezes por semana, é de R$ 20. Segundo Paulo, a triagem serve para identificar os meninos pagantes e as crianças carentes do entorno. Cerca de 40% desses meninos são pagantes e, ainda sim, sempre há reclamações de pais que dizem que o espaço é público e não deveria ser pago.

Paulo defendeu que, apesar de público, o CDC gera despesas e que muitas vezes essas famílias não fazem ideia dos gastos realizados com a manutenção do espaço. Diante disso ele afirma que a melhor forma de resolver esse dilema é conversar, explicar que o dinheiro arrecadado diz respeito a uma taxa de manutenção, a qual contribui para que sempre haja água potável no local, assim como chuveiro quente, além do pagamento dos profissionais da área de Educação Física presentes no CDC.

Quando questionado sobre a ausência de professores provenientes de projetos públicos oferecidos pela SEME (como, por exemplo, o Clube Escola), Paulo afirmou preferir manter seus próprios profissionais, o que lhe gera um custo mensal de R$ 1.200,00. Todavia, revelou que há demasiada pressão da Secretaria de Esportes para que os projetos voltem a atuar nesse CDC.

Uma característica interessante do CDC Vila Anhanguera é a transferência dos garotos que ali treinam para times profissionais de futsal. Diferentemente do que se espera, Paulo revelou que muitos meninos despontam, sobretudo, no universo do futebol de salão. Seu filho, inclusive, é um bom exemplo.

Há uma modificação na legislação dos clubes desportivos que permite a certos espaços (como o CDC em questão) ganhar uma pequena porcentagem sobre o passe dos atletas revelados. Essa é, portanto, uma contrapartida aos anos de formação oferecidos pelo equipamento público aos garotos. Vale ressaltar que tal legislação foi recentemente modificada pela FIFA, fazendo com que o clube comprador tenha até quarenta e cinco dias para fazer o repasse ao clube formador do jogador. A legitimidade dessa nova normatização inclui atletas dos doze aos 24 anos de idade. Para alguns especialistas, essa mudança contribui para que a documentação dos garotos das categorias de base seja criteriosamente organizada desde o sub-13. Paulo deu o exemplo do Clube Portuários, que preparou Robinho antes de transferi-lo para o Santos Futebol Clube: o time recebeu R$ 300.000,00 do acordo milionário de transferência do atleta, firmado com o Associazione Calcio Milan, da Itália.

Outro fato importante do CDC é a locação de seu campo de futebol para times de várzea. A presença de iluminação no espaço, apesar de cara, mobiliza muitas equipes no período noturno. Paulo disse que quase não há vagas disponíveis para locação. O preço para o período de 1h30min durante o dia custa R$ 500. Já para jogos noturnos custa R$ 800. De acordo com ele, há um tabelamento médio de preços criado pela Secretaria de Esportes, contudo, em razão de todas as comodidades oferecidas pelo CDC Vila Anhanguera - como localização, gramado sintético, iluminação e estrutura - os valores foram restabelecidos para esse local.

Questionado se os valores também são cobrados dos antigos usuários (como os da categoria “Masters”, que fazem ou já fizeram parte da diretoria das agremiações do CDC), Paulo explicou que essas pessoas também pagam, entretanto, como já contribuíram muito ao logo da história do equipamento público, há uma redução de R$ 100 no valor da locação. Os “atletas das antigas” encontram-se exclusivamente durante todas as segundas-feiras à noite.

No auge de atuação do “Brasília” e do “Anhanguera” no campo do CDC Vila Anhanguera, entre os anos de 1980 a 1990, mais de dez categorias eram

representadas por esses times de várzea. O que mais chamou a atenção foi a existência, durante um certo período, de três times femininos de distintas categorias. Ao ser perguntado sobre o motivo da extinção de tais times, o entrevistado alegou que certas categorias envolveram-se em muitos vícios, embaraçando publicamente os antigos dirigentes do espaço. Paulo chamou de vícios o uso de bebidas alcoólicas, e defendeu que os garotos de categorias semelhantes não faziam o mesmo dentro do espaço do CDC. Segundo ele, o relacionamento com o futebol feminino tornou-se conturbado, já que as meninas passaram a exigir privilégios e investimentos assim como acontecia com as categorias masculinas.

Ainda nesse período, o filho do interlocutor participava de uma das equipes, logo, ele não abria mão de se envolver e conseguir recursos para o time. Por outro lado, quase nenhum familiar das meninas participava das reuniões de pais e, no final das contas, as atletas davam muito trabalho para os organizadores. Durante a conversa, Paulo salientou que depois de um tempo, algumas jogadoras homossexuais passaram a participar da equipe feminina. Essa opção sexual foi vista com desagrado por antigos clubes de várzea e tida como "perigosa" para as atletas filhas dos conhecidos do bairro. O fato de meninas se beijarem publicamente foi abordado como escandaloso.

O time feminino, por todos os motivos expostos anteriormente, foi extinto na época e muitas atletas transferiram-se para o CDC Maria Felizarda da Silva. Hoje, nem mesmo meninas em idade infantil ou mirim têm oportunidade de aprender a jogar futebol em razão do histórico vivido no CDC Vila Anhanguera.

Com o novo campo, o CDC passou a se esforçar para encontrar novos atletas mirins. Nos meses em que o campo esteve fechado, os antigos alunos foram remanejados para outros espaços de ensino de futebol da região, e agora, já enturmados no novo ambiente, não pretendem voltar mais.

Com as reformas feitas, o espaço deixou de ser ocupado por usuários de drogas no período noturno. Há uma única entrada que fica fechada durante a noite. O campo de futebol do CDC Vila Anhanguera tem sido frequentemente escolhido para torneios, festivais e campeonatos de várzea, incluindo jogos das seletivas para a Copa Kaiser, tanto na série A como na B.